

CRISTIANISMO E CULTURA  
**BROTÉRIA**

VOLUME 185

1

JULHO 2017

**Fogos e florestas em Portugal**

HENRIQUE PEREIRA DOS SANTOS  
FRANCISCO FERREIRA DE CAMPOS, SJ

**Direitos Humanos no Brasil pós-Lava Jato**

MARCOS ARAÚJO SILVA

**Ecologia humana integral na era digital**

JEAN PIERRE CASEY

**Duas notas críticas de Bioética**

WALTER OSSWALD

**Qualidade de vida na *Laudato Si***

VASCO PINTO DE MAGALHÃES, SJ

**A reforma da reforma litúrgica**

CESARE GIRAUDDO, SJ

**A *Opção Beneditina* e os riscos do neoconservadorismo**

FRANCISCO SASSETTI DA MOTA, SJ

**Eutanásia e dignidade humana**

MICHEL RENAUD

**O biblista Joaquim Carreira das Neves**

ISAÍAS HIPÓLITO

**Maria Helena Rocha Pereira, *Alma Mater***

MARGARIDA MIRANDA

**Luís Miguel Cintra**

**- Prémio *Árvore da Vida***

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

REVISTA PUBLICADA PELOS JESUÍTAS PORTUGUESES DESDE 1902

IHS

+ CADERNO CULTURAL  
CINEMA  
MÚSICA  
LITERATURA  
EXPOSIÇÕES

CRISTIANISMO E CULTURA  
**BROTÉRIA**

1/S2/17

VOLUME 185

1

JULHO 2017

**DIRECTOR** António Júlio Trigueiros, SJ

**CONSELHO DE DIRECÇÃO** António Vaz Pinto, SJ  
Francisco Sasseti da Mota, SJ  
Vasco Pinto de Magalhães, SJ

**CONSELHO DE REDACÇÃO** António Vasconcelos de Saldanha  
Carlos Capucho  
Carlos Maria Bobone  
Francisco Malta Romeiras  
Francisco Sarsfield Cabral  
Guilherme d'Oliveira Martins  
Henrique Leitão  
Joaquim Sapinho  
José Carlos Seabra Pereira  
Manuel Braga da Cruz  
Miguel Corrêa Monteiro

**RECENSÕES** Carlos Maria Bobone  
Francisco Pires Lopes, SJ

**SECRETARIADO** Ana Maria Pereira da Silva  
Ana Rodrigues  
Isabel Tovar de Lemos

**DESIGN GRÁFICO** Teresa Olazabal Cabral

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS** Minhografe – Artes Gráficas, Lda.  
Braga - Portugal

**PROPRIEDADE** Brotéria – Associação Cultural e Científica  
NIPC 503312070

**DIRECÇÃO** Rua Maestro António Taborda, 14  
**ADMINISTRAÇÃO** 1249-094 Lisboa - Portugal  
**ASSINATURAS** Tel.: 21 396 16 60 - Fax: 21 395 66 29  
**E DISTRIBUIÇÃO** E-mail: broteria@gmail.com  
Site: www.broteria.pt

---

**ASSINATURA 2017:** Portugal: 55 € • Europa: 90 € • Outros países: 95 €

**NÚMERO AVULSO:** Portugal: 7 € • Europa: 10 € • Outros países: 12 €

**NÚMEROS ATRASADOS (+3 ANOS):** Preço actual

**IBAN:** PT50 0007 0101 00461660002 25

ISSN 0870-7618 • Depósito Legal 54960 / 92 • Tiragem: 1100 exs.

---

**Revista Mensal Publicada pelos Jesuítas Portugueses desde 1902**

## ARTES E LETRAS

### **Maria Helena da Rocha Pereira, *Alma Mater* (1925 – 2017)**

*Margarida Miranda\**

#### **A primeira mulher a doutorar-se na Universidade de Coimbra**

Morreu Maria Helena da Rocha Pereira, a primeira mulher a obter o grau de doutoramento na Universidade de Coimbra, com a tese *Concepções helénicas de felicidade no além: de Homero a Platão* (1956). Consideraram-na o rosto dos Estudos Clássicos em Portugal nos últimos cinquenta anos.

Tínhamo-la na condição de ‘imortal’, como outrora Atena ou Apolo, os deuses do Olimpo a quem quase se assimilara - tal era a afeição e devoção que dedicava ao saber dos Helenos. Mas no saber dos Helenos é que *Helena* descobrira precisamente a inspiração maior da sua vida: a condição mortal do ser humano, tão inexorável como o apelo à grandeza e à demanda permanente do saber, acesa nele. E na consciência desse paradoxo, da grandeza do ser humano sujeito aos limites da sua condição, encontrou ela o sentido para a vida, que aos seus olhos era mais do que esta vida mortal.

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Imprensa da Universidade de Coimbra têm em curso a publicação da sua obra completa, não

---

\* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pereira,

*Margarida Miranda\**

na Universidade de

primeira mulher a obter  
de Coimbra, com a tese  
m: de Homero a Platão  
los Clássicos em Portugal

, como outrora Atena ou  
e se assimilara - tal era a  
os Helenos. Mas no saber  
recisamente a inspiração  
er humano, tão inexorável  
rmanente do saber, acesa  
t grandeza do ser humano  
ntrou ela o sentido para a  
esta vida mortal.

Imprensa da Universidade  
la sua obra completa, não

Coimbra.

só como homenagem à grande professora de Estudos Clássicos, mas também como serviço ao universo cultural lusófono.

Há cerca de dois anos que a saúde lhe não permitia voltar à sua casa de Coimbra, cidade que adoptara. Mantinha-se, por isso, na casa da sua cidade de infância, o Porto, onde nascera a 3 de Setembro de 1925, e onde tinha a companhia dos sobrinhos e da família que tanto estimava. Ali a visitámos uma derradeira vez no dia em que completava 91 anos, entre as prendinhas dos sobrinhos, o telefonema da Hélia Correia, as flores dos amigos e o carinho da Senhora Dona Delfina, que já era da família. Não dobrou os 92. Partiu deste mundo a 10 de Abril, devagarinho, como uma vela que se apaga mansamente.

Para alguns, em Coimbra, ela era *Nossa Senhora e os pastores...* assim verbalizavam os mais próximos a elevação ética, a autoridade científica e os desvelos de mestra que caracterizaram a relação com os seus discípulos.

Não posso dizer que tenha feito parte dos seus discípulos mais próximos, mas não era menor o zelo da Doutora Maria Helena pelos ex-alunos. Foi minha professora por seis escassos semestres, que eu via consumirem-se inexoravelmente, tal era o poder de atracção das suas aulas. Quando no último dos semestres uma doença grave me obrigou ao repouso absoluto, não foi por dever estóico mas por deleite puro que, contra todas as adversidades, fiz questão de estar presente nas últimas aulas. Porém, ao chegar o momento de optar pelo Grego ou pelo Latim, alistei-me entre os orientandos do Doutor Costa Ramalho e passei a pertencer à facção contrária... Nessa altura, nem por isso a Doutora Rocha Pereira se desinteressou da ex-aluna. Um dia chamou-me para me dar conhecimento de um Concurso para assistente estagiário, a decorrer na Universidade de Évora; e, pouco depois, outro na Universidade do Porto. Dava-me uma fotocópia do *Diário da República* e dizia tudo

o que eu devia fazer para concorrer. A ela devo as aulas de Cultura Clássica que preparei, para ensinar no Porto e, pouco depois, em Coimbra, sempre sob a sua orientação próxima e pródiga.

### ***Cursus honorum***

A formação académica da Doutora Maria Helena começara em casa, onde aprendeu a ler aos quatro anos, contava. Numa decisão contra-corrente, a mãe enviou-a, não para o colégio, mas para o Liceu Carolina Michaëlis, onde dizia que o ensino era infinitamente superior. Aos oito anos estava preparada para fazer o exame de admissão, mas para entrar teve de esperar pelos dez anos de idade. Ali recebeu vários prémios e foi redactora principal do quinzenário *Asas*. Terminado o sétimo ano do Liceu, com a classificação máxima de 20 valores, outra decisão esclarecida dos pais fê-la matricular na Universidade de Coimbra, contra tudo o que era habitual.

A Doutora Maria Helena gostava de recordar o carácter ousado dessa decisão, em que já estava latente o seu desejo secreto, e também ele insólito, de seguir carreira universitária. Em 1942, aos 18 anos, matriculou-se na Universidade de Coimbra e aqui completou licenciatura em Filologia Clássica, em 1947. Depois de alguns anos de actividade profissional no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto, iniciou a carreira académica em Coimbra, em 1951, como segundo assistente de Filologia Clássica, e aqui obteve o doutoramento em 1956; em 1964 era professora catedrática.

Num mundo académico quase exclusivamente masculino, tinha perfeita consciência dos entraves sociais que permaneciam ainda além dos degraus da Via Latina, aqueles que a levavam à Sala dos Capelos e ao título de catedrática. Graças às decisões intelligen-

tes de  
Ventu  
bolsa  
consic  
de Ox  
do seu  
com o  
que fo  
que, gr  
ram a e  
Coimbr  
Clássic  
A  
-guerra  
à prova  
austero  
frequen  
Dodds,  
Wells, V  
tivamen  
em Port  
Religião  
a arte de  
Beazley.  
Con  
1956: era  
versidade  
verdade,  
1 «Homenage  
-1976), 248-2

vo as aulas de Cultura  
e, pouco depois, em  
na e pródiga.

Helena começara em  
ontava. Numa decisão  
o colégio, mas para o  
sino era infinitamente  
ara fazer o exame de  
los dez anos de idade.  
ncipal do quinzenário  
a classificação máxima  
ais fê-la matricular na  
era habitual.

rdar o carácter ousado  
seu desejo secreto, e  
iversitária. Em 1942,  
e de Coimbra e aqui  
ca, em 1947. Depois  
io Centro de Estudos  
ciou a carreira acadé-  
assistente de Filologia  
956; em 1964 era pro-

sivamente masculino,  
ais que permaneciam  
s que a levavam à Sala  
às decisões intelligen-

tes dos pais e ao conselho clarividente do Doutor Carlos Simões Ventura, de quem era discípula, venceu ambos entraves. Com uma bolsa do Instituto de Alta Cultura, foi estudar para aquela que era considerada a melhor escola de Estudos Clássicos, a Universidade de Oxford. Maria Helena recorda a magnanimidade do conselho do seu antigo mestre, que já tinha enviado outro jovem assistente com o mesmo destino: Américo Costa Ramalho<sup>1</sup>. É justo recordar que foram estes dois jovens Assistentes de Carlos Simões Ventura que, graças à sua investigação e magistério, enraizaram e expandiram a escola embrionária de Estudos Clássicos, por ele fundada em Coimbra, desde que se introduzira o ensino científico das Línguas Clássicas em Portugal.

A Oxford de 1950 vivia ainda em plena austeridade do pós-guerra e racionamento de bens, o que terá posto muitas vezes à prova a jovem menina de família, de saúde frágil, mas hábitos austeros. Ali pôde experimentar a doença e a solidão, sem deixar de frequentar as aulas de grandes mestres do helenismo, como E. R. Dodds, Ed. Fraenkel, W. S. Barrett, R. Pfeiffer, G. Brauholtz, A. F. Wells, W. Hunt, C. Jenkins, J. H. Finley, cujo saber marcou definitivamente a configuração que veio a imprimir nos Estudos Clássicos em Portugal. Com eles aprendeu Crítica Textual, Literatura e Religião Grega, Paleografia Grega e Epigrafia, e começou a apreciar a arte dos vasos gregos com o maior especialista da época, John Beazley.

Consciente da sua tenacidade, alcançou o doutoramento, em 1956: era o primeiro doutoramento de uma mulher numa universidade que tinha então 666 anos de história, recordava. Na verdade, Carolina Michaëlis foi a primeira mulher catedrática da

---

<sup>1</sup> «Homenagem ao Professor Doutor Carlos Ventura (1893-1975)», *Humanitas* 27-28 (1975-1976), 248-251.

Universidade de Coimbra, mas tinha o estatuto de convidada; Maria Helena da Rocha Pereira, pelo contrário, fora a primeira a prestar provas naquela universidade secular, exclusiva da outra metade da humanidade.

A sua dedicação à universidade não recusou os serviços de gestão e de governo, para os quais foi sucessivamente eleita pelos seus pares, ao longo dos anos mais difíceis da década de 70 e de 80. Foi Vice-Reitora da Universidade de Coimbra em 1970 e, entre os anos 1976-1989, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras. Também foi Directora do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras e da Biblioteca, Directora do Instituto de Estudos Clássicos e Presidente da Comissão Científica de Estudos Clássicos; esteve à frente das revistas *Humanitas* e *Biblos*, tendo recuperado esta última de cerca de dez anos de atraso. Foi sócia efectiva da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991, Membro do Conselho Consultivo do Instituto Nacional de Investigação Científica, do Conselho Geral da Fundação Calouste Gulbenkian e Coordenadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. O seu prestígio era reconhecido dentro e fora do país, o que lhe proporcionava a aceitação nos principais Centros de Estudos Clássicos e nas mais diversas sociedades científicas.

Portugal também soube reconhecer-lhe o mérito. Entre as muitas homenagens que lhe foram dedicadas, foi galardoada com o Prémio Bocage, por ocasião do II Centenário do poeta (1966), o Prémio de Ensaio do Pen Clube Português (1989), o prémio Jacinto do Prado Coelho (2003), a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (2004), os prémios Eduardo Lourenço (2004), União Latina (2005), Universidade de Coimbra (2006), Padre Manuel Antunes (2008) e o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (2010). Em 2009, a Universidade de Lisboa concedeu-lhe o Doutoramento *honoris causa*; recebeu também a Medalha

estatuto de convidada; rário, fora a primeira a ular, exclusiva da outra

recusou os serviços de ersistentemente eleita pelos da década de 70 e de 80. bra em 1970 e, entre os Científico da Faculdade tuto de Arqueologia da rectora do Instituto de ão Científica de Estudos *manitas e Biblos*, tendo nos de atraso. Foi sócia das Ciências de Lisboa vo do Instituto Nacional al da Fundação Calouste de Estudos Clássicos e recido dentro e fora do os principais Centros de dades científicas.

lhe o mérito. Entre as das, foi galardoada com ário do poeta (1966), o (1989), o prémio Jacinto lem Militar de Sant'Iago ourenço (2004), União (2006), Padre Manuel a Associação Portuguesa ade de Lisboa concedeu-beu também a Medalha

de Ouro da Cidade de Coimbra e, em sua homenagem, a Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida instituiu um prémio com o seu nome<sup>2</sup>.

A razão deste apreço indiscutível pela sua pessoa e obra vinha da sua total entrega e dedicação ao estudo, ao ensino e à cultura e, de modo particular, à Universidade de Coimbra.

O saber era para a Doutora Rocha Pereira a sua opção existencial, o seu sacerdócio. Por isso, entendia pessoalmente a dedicação total ao estudo incompatível com a dedicação total exigida pela vida familiar - assim reflectia quando a interrogavam sobre não ter constituído família. Na verdade, parecia ter colocado o coração todo inteiro no saber e na partilha dele. O saber e a Universidade eram realmente a sua *Alma mater*.

Se me fosse permitida alguma lembrança mais pessoal, gostava de recordar que nunca cheguei a ouvir-lhe palavras de reprovação pelo nascimento de cada um dos meus cinco filhos, que me faziam ausentar do serviço por escassos três meses de licença de maternidade... Mas quando um dia lhe confessei, brincando, o meu sentimento de cansaço e o vago desejo de gozar da reforma, fez-me sentir, sem palavras, a frivolidade desse desejo...

A austeridade da sua vida pessoal e a elevada noção de dever não se deixavam comover diante da brandura das novas gerações. Qualquer expectativa de evasão esbarrava aliás na autoridade do seu exemplo. Por isso, quando, jovem estudante, eu lhe pedi autorização para realizar a segunda frequência de História da Cultura Clássica em data alternativa, a fim de participar na eliminatória final de um concurso nacional de música, uma vez vencida a prova regional, as suas palavras brotaram cortantes: que colocasse as

---

<sup>2</sup> Dados biográficos mais completos sobre a vida e obra da sábia helenista, humanista e professora podem ver-se em J.A. Sansão Coelho e José Ribeiro Ferreira, *Três mestres, três lições, três caminhos*, Coimbra, 2009.

obrigações acima das devoções! Exigente consigo própria, era-o também com os outros, sem nunca abdicar do rigor científico e da disciplina que norteavam as suas decisões.

### O magistério

À Universidade de Coimbra deixou um legado de mais de quarenta anos de magistério. Jubilou em 1995, mas continuou a orientação de teses de doutoramento ainda mais alguns anos, até a saúde a impedir de todo de acompanhar as provas académicas dos seus discípulos.

O carácter discreto e reservado escondia o mestre vivo que recriava cada aula. Era na leitura dos Gregos que o seu olhar acutilante mais brilhava, sobretudo quando tinha ocasião de os ensinar, com a sua voz segura, serena, pausada, medida. Escreveu que cada aula devia ser “um trabalho de criação e de renovação constante”<sup>3</sup>. E sabia fazê-lo. A sua atitude sempre sóbria e austera surpreendia quem a escutava, pois, sem exaltações, não deixava de acender, ora pelas palavras, ora pelo silêncio e o olhar, verdadeiro deslumbramento pelas matérias que ensinava.

Nas aulas de *História da Cultura Clássica*, a Doutora Rocha Pereira começou a formar discípulos e a entusiasamá-los pelos textos de Homero, pela prosa histórica e científica, pela poesia coral e monódica, pela tragédia e pela comédia, pela mitologia grega, mas também por Cícero, Virgílio e Horácio, Tito Lívio, Plauto e Terêncio...

Para os seus alunos teve a ousadia de organizar desde cedo uma antologia grega e outra latina, onde dava a ler os autores pela sua própria tradução: *Hélade*, para os autores gregos (1959), e

<sup>3</sup> «Prefácio» de *Poesia Grega Arcaica*, Coimbra, 1994, 6.

Roma  
seus  
inúm  
guage  
as tra  
A  
taram  
nome;  
as trav  
cia, da  
arte e  
Cultur  
que ai  
das pe  
partida  
clássico  
Co  
human  
ocasiõe  
cia do e  
manism  
tunes, p  
tor Cost  
tora Ma  
cos cujo  
ainda ho  
Universi  
investiga  
caram, c

<sup>4</sup> Maria de F

consigo própria, era-o  
do rigor científico e da

do de mais de quarenta  
continuou a orientação  
ins anos, até a saúde a  
as académicas dos seus

dia o mestre vivo que  
os que o seu olhar acuti-  
a ocasião de os ensinar,  
dida. Escreveu que cada  
renovação constante”<sup>3</sup>.

a e austera surpreendia  
deixava de acender, ora  
verdadeiro deslumbr-

ssica, a Doutora Rocha  
usiasmá-los pelos textos  
, pela poesia coral e mo-  
itologia grega, mas tam-  
io, Plauto e Terêncio...

e organizar desde cedo  
ava a ler os autores pela  
autores gregos (1959), e

*Romana* (1983), para os autores latinos. Como observou um dos seus discípulos, “estas antologias disponibilizaram excertos de inúmeros autores e marcaram, como um ponto de partida, uma linguagem literária que em alguns casos firmou uma convenção para as traduções que vieram a multiplicar-se”<sup>4</sup>.

Ao longo de gerações sucessivas, milhares de alunos frequentaram as suas aulas de Norte a Sul do país e reconhecem hoje o seu nome; ou simplesmente aprenderam pelos seus livros a reconhecer as traves mestras da cultura europeia, na área da filosofia e da ciência, da história e da poesia, da literatura e da oratória, do teatro, da arte e do direito. Os seus dois volumes dos *Estudos de História da Cultura Clássica, Cultura Grega* (1964) e *Cultura Romana* (1983), que ainda hoje, depois de edições sucessivas, revistas e actualizadas pela autora, não perderam vitalidade, constituem o ponto de partida para as mais diversas incursões em qualquer área do saber clássico, grego e romano.

Consciente da importância dos autores clássicos para o saber humanístico, fez dessa uma das suas causas. Defendeu em inúmeras ocasiões, em revistas, em jornais e em lugares públicos a importância do ensino da cultura e das línguas clássicas para a defesa do humanismo e o progresso ético. Com o inesquecível Padre Manuel Antunes, professor de Cultura Clássica em Lisboa, e com o referido Doutor Costa Ramalho, que a precedia alguns anos em Coimbra, a Doutora Maria Helena foi consolidando uma escola de Estudos Clássicos cujo epicentro foi a Universidade de Coimbra, com discípulos ainda hoje activos em todas as Universidades portuguesas e algumas Universidades brasileiras, cuja especialização orientou infatigável – investigadores que captaram o seu interesse e entusiasmo e se dedicaram, como ela, à descoberta das fontes da cultura greco-latina.

---

<sup>4</sup> Maria de Fátima Sousa e Silva, *Jornal de Letras* 1215 (2017), 6.

As novidades da epigrafia, da crítica textual e da arqueologia, que conhecia através das revistas científicas ou das visitas que fazia *in loco*, partilhava-as com os seus discípulos, juntamente com a mais recente bibliografia. As nossas gavetas de correio eram pontualmente brindadas com uma ficha bibliográfica escrita por seu punho, a recomendar algum artigo ou livro para o trabalho que sabia termos em mãos. E o mesmo acolhimento concedia a quantos procuravam o repositório vivo do seu saber, a partir de outras Universidades, em Portugal e no Brasil, por exemplo, onde ainda hoje os Estudos Clássicos são mais prósperos.

Não era menor o seu cuidado em prover os seus alunos de bibliografia científica de qualidade. O zelo que a levava, nos seus tempos de estudante, durante a Segunda Grande Guerra, a encomendar livros do estrangeiro, era o mesmo que a levava a estender o seu trabalho de professora à tradução de obras de referência dos estudos clássicos para os seus alunos da Universidade, como fez com *Os gregos*, de H. D. F. Kitto, ou *Mito e mitologia*, de Walter Burkert.

Do seu modo de ensinar fica a memória do deslumbramento que experimentava e sabia transmitir por tudo o que ensinava; e igualmente a memória do respeito pela Verdade, da prudência nas afirmações, evitando sempre as generalizações fáceis e as especulações inúteis, na procura constante do saber, como explicou numa entrevista ao *Diário de Notícias* em 2003, com Anabela Mota Ribeiro. Confessou, então, que acompanhar as novidades da investigação sobre a Antiguidade Clássica lhe dava a consciência de que tudo estava sempre a alterar-se:

“Nunca se sabe tudo, nem coisa que se pareça. Somos sempre uns ignorantes e temos de ter consciência disso. (...) Estamos sempre a verificar os limites do nosso saber. (...) A procura do saber é constante. Não somos senão uns humildes aprendizes”.

Essa era a atitude que cultivava nas aulas. Por vezes tinha de explicitá-la quando, ao terminar uma exposição o mais completa possível, acrescentava: “Daqui para diante não sabemos mais”. O respeito pela verdade científica levava-a a afirmar: “Vou ensinar aquilo que sei. Em muitos casos vamos ficar na dúvida. A dúvida é científica. Às vezes é mais científica que a verdade”.

### O estudo

A busca da verdade que comunicava nas aulas era também a que presidia à actividade de investigação, em que os seus pares a consideraram “um modelo para os estudos literários e para as Humanidades em geral”<sup>5</sup>.

Um dos campos mais relevantes da sua actividade científica foi a edição e tradução dos grandes autores gregos e latinos. Além da tradução das antologias já referidas, ao seu rigor e sensibilidade devemos a tradução de alguns dos textos maiores da literatura grega, como a *Antígona* de Sófocles, as *Sete Odes* de Píndaro, a *Medeia*, *Bacantes* e *Troianas*, de Eurípides, que conheceram reedições sucessivas, sempre sujeitas a revisão, de acordo com as mais recentes edições críticas. Embora não gostasse de traduzir, consciente de que o original é sempre superior à tradução, as suas traduções foram precursoras de uma actividade intensa de regresso às fontes, que muito veio valorizar os estudos clássicos e a sua divulgação em língua portuguesa, junto de um público que requeria textos de qualidade, em vez de traduções do francês ou inglês.

Especial referência merece a tradução de uma das obras filosóficas mais influentes do pensamento humano. A tradução da

<sup>5</sup> J. A. Bernardes, *Jornal de Letras* 1215 (2017), 7.

*República* de Platão (1972) é hoje considerada uma das maiores proezas da história da tradução em Portugal. E, com uma capacidade rara de integração do saber, dedicou também a sua atenção a áreas menos presentes na investigação universitária, que ganharam então uma vitalidade crescente. Além das diversas traduções do latim medieval que deram a conhecer ao público um conjunto de textos inéditos relativos aos primórdios de Portugal, a Doutora Maria Helena dedicou-se também à Literatura Portuguesa, desde a Idade Média até aos contemporâneos. A alta especialidade em Estudos Clássicos, que lhe permitia colaborar com as editoras de referência do mundo para os Clássicos greco-latinos, como a Teubner, e participar em projectos internacionais da mais elevada competência científica, não apagava nela o interesse por oito séculos de literatura portuguesa. Era o despertar para os chamados estudos de recepção, que desde então se afirmaram no universo académico e na crítica literária. A Doutora Maria Helena sabia ler Homero e Virgílio, Platão e Cícero, Safo, Horácio, Sófocles e Eurípides, mas também sabia ler Pessoa e Ricardo Reis, Sofia de Mello Breyner e Manuel Alegre, Eugénio de Andrade e Miguel Torga; e essa capacidade de descobrir arquétipos e influências permitiu-lhe iluminar também páginas de Camões e António Ferreira, Camilo e Eça, mostrando não apenas os pontos de contacto, mas também o que a elaboração artística dos autores veio trazer de novo além dos modelos.

Com o mesmo pioneirismo desenvolveu desde cedo uma investigação completa sobre vasos gregos existentes em Portugal. Desde a definição do *corpus*, que incluía instituições públicas e colecções particulares, até ao estudo científico de cada peça, os resultados foram surpreendentes e permitiram que esse espólio quase desconhecido do património nacional fosse pela primeira vez estudado e exibido no seu conjunto, numa exposição que o Museu Nacional de Arqueologia inaugurou em 2007.

## O Epitáfio

Por detrás do manto de disciplina e de autoridade científica da Mestra, estava também um fino sentido, muito perspicaz, da natureza humana, em toda a sua complexidade, moral, espiritual e existencial. Aprofundara-o na leitura dos autores antigos e na interpretação da mitologia greco-romana. Lia com extrema sensibilidade e reconhecia nessas narrativas as dores e as alegrias, os erros e os êxitos, a pequenez e a grandeza universal do ser humano de ontem e de hoje, da Atenas do século V ou da Europa do século XXI. É assim que vê, por exemplo, o amor de Orfeu por Eurídice, capaz de vencer a morte, mas depois incapaz de se vencer a si próprio. A Doutora Maria Helena confessava a sua preferência pelos mitos que mostram a limitação e ao mesmo tempo a persistência do ser humano, como o mito de Sísifo (*Odisseia*, XI) condenado a carregar um rochedo até ao cimo da montanha, o qual caía consecutivamente para voltar a rolá-lo, infatigável. Ou o mito da fome e sede de Tântalo, que parecia ter tudo ao seu alcance mas logo tudo se desvanecia, a não ser a sua fome e sede inextinguíveis.

Do mesmo modo que encarava a vida, assim encarava a morte. Se a vida era para ela a procura permanente do saber nunca totalmente alcançado, a morte não era o fim de todas as coisas, mas o seu re-começo, como se a experiência que toda a vida fizera da finitude do saber humano alcançasse enfim a realização completa *post mortem*.

Uma faceta menos conhecida da pessoa da Doutora Maria Helena era a sua fé cristã, que viveu com a maior das discrições. A Doutora Rocha Pereira era uma mulher de fé. Não era secreta a leitura diária do Novo Testamento, que fazia em grego (embora tivesse feito um Curso Extraordinário de Língua Hebraica), nem a sua assiduidade aos sacramentos, à Missa e Comunhão diárias. Em

Coimbra, víamo-la na Capela da Universidade, na Missa das 12H, ou nos Franciscanos da Av. Dias da Silva; no Porto, nos Jesuítas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, perto de sua casa, onde gozava da admiração mútua do Padre João Cabral (1923-2017), seu confessor, um homem de elevada formação cultural e teológica que marcou forte presença no espaço cultural do Porto e foi o primeiro director do CREU.

O Cristianismo da Doutora Rocha Pereira era o cristianismo consciente da transformação histórica que o helenizou e lhe deu o carácter de religião universal; era um cristianismo consciente também da apropriação da noção grega fundamental de *paideia* enquanto atenção ao homem harmonicamente inserido na ordem cósmica; um Cristianismo que reconheceu na *paideia* grega e na cultura clássica o seu fermento de futuro. Todavia, talvez por reacção a escolas de estudos teológicos que presumiram a influência directa da filosofia grega sobre o Novo Testamento, ou de Séneca sobre São Paulo (como Tübingen e a escola de David Strauss), a verdade é que no seu perfil académico não havia lugar para a investigação dessa evidente continuidade, marca distintiva do primeiro cristianismo. Era aliás uma atitude comum a muitos outros classicistas, que se recusavam a olhar para além da idade clássica da Grécia por verem nela a semente bastante da evolução pós-clássica da cultura grega. E assim os Estudos Clássicos em Portugal correram o risco de deixar na sombra um campo de investigação que tradicionalmente partilhava com eles as fronteiras científicas, como a Patrologia greco-latina, os Estudos Bíblicos e a literatura judaico-cristã.

Na verdade, esse divórcio científico não era natural. E foi assim que vimos Frederico Lourenço, um elemento do mesmo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedicar-se à tradução da Bíblia dos *Setenta*, com grande gáudio do público.

de, na Missa das 12H,  
no Porto, nos Jesuítas  
erto de sua casa, onde  
Labral (1923-2017), seu  
cultural e teológica que  
o Porto e foi o primeiro

eira era o cristianismo  
o helenizou e lhe deu  
cristianismo conscien-  
fundamental de *pai-*  
ticamente inserido na  
teceu na *paideia* grega  
ro. Todavia, talvez por  
presumiram a influên-  
Testamento, ou de Sé-  
cola de David Strauss),  
ão havia lugar para a  
arca distintiva do pri-  
mum a muitos outros  
dém da idade clássica  
da evolução pós-clás-  
Clássicos em Portugal  
ampo de investigação  
fronteiras científicas,  
Bíblicos e a literatura

ra natural. E foi assim  
do mesmo Centro de  
e à tradução da Bíblia

Da atitude existencial da Doutora Maria Helena transparecia porém a mais evidente unidade de pensamento: se a helenização do cristianismo não gozava da primazia da sua investigação científica, a sua atitude pessoal de serena inquietude diante da vida e da morte brotava de um helenismo naturalmente cristianizado.

Quando um dia lhe perguntaram como gostaria de ser lembrada, a Doutora Rocha Pereira expôs brevemente a sua visão da imortalidade, herdeira de Platão: nos mitos platónicos, a alma é algo de imaterial que “sobrevive e é feliz porque contempla as ideias puras, o Saber, ao qual em vida não podemos aceder”<sup>6</sup> (entrevista ao *Diário de Notícias*, Dezembro de 2003). Gostaria, pois, de ser lembrada por esses dois traços inseparáveis: estudo e magistério.

Os que a conheceram partilham hoje esse juízo. A Universidade também. Pelo enorme legado que deixou a tantas gerações de estudantes e a tão numerosos discípulos no mundo cultural português e lusófono, a mulher que viveu a dedicação incondicional à Universidade, a mulher que não foi mãe para fazer do saber a sua entrega e do magistério a sua vida, assimilou alegoricamente o epíteto de *alma mater*.

Foi assim que nos despedimos dela, certos de que no abraço do Pai saboreou finalmente o Saber que procurava.

<sup>6</sup> <http://anabelamotaribeiro.pt/33111.html> acedido em Junho de 2017, publicado inicialmente em Dezembro de 2003.